


O ENSINO DA HISTÓRIA EM NOVOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM: UM ESTUDO DE CASO EM RIBEIRA DO POMBAL, BAHIA

TEACHING HISTORY IN NEW LEARNING SPACES: A CASE STUDY IN RIBEIRA DO POMBAL, BAHIA




Claudiana Ribeiro Santos

 Universidade do Vale do Taquari


 Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-2375-6504>

 E-mail: claudiana19@gmail.com

Neli Teresinha Galarce Machado

 Universidade do Vale do Taquari

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1209-5353>

 E-mail: ngalarce@univates.br

Resumo: Ensinar História com o objetivo de promover a construção da cidadania e a emancipação social demanda a identificação de espaços onde os estudantes possam explorar e se constituir como sujeitos históricos. Nesse contexto, a reflexão sobre o aprimoramento do ensino e da aprendizagem torna-se indispensável, uma vez que a História é uma ciência em constante evolução e, à medida que ela se transforma, as práticas pedagógicas devem acompanhar essas mudanças. Esta pesquisa teve como objetivo analisar a percepção dos professores de História de uma escola de Ensino Fundamental nos anos finais em Ribeira do Pombal, Bahia, sobre o uso de espaços não formais de aprendizagem na prática docente. A metodologia adotada foi de abordagem qualitativa, visando captar as nuances e particularidades das experiências educacionais relatadas. Os resultados do estudo revelaram que os docentes reconhecem a importância de práticas pedagógicas que transcendem os limites físicos da escola, estabelecendo uma interseção com espaços não formais de ensino e aprendizagem. Essa integração contribui para uma conexão mais efetiva dos saberes, promovendo uma aprendizagem mais qualificada e dinâmica. Em síntese, a pesquisa evidencia que a utilização de espaços não formais de aprendizagem constitui uma estratégia pedagógica valiosa, capaz de potencializar o ensino da História e, conseqüentemente, contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

Abstract: Teaching History with the aim of promoting citizenship and social emancipation requires identifying spaces where students can explore and recognize themselves as historical subjects. In this context, reflecting on the improvement of teaching and learning becomes essential, since History is a constantly evolving science, and pedagogical practices must adapt to its transformations. This study aimed to analyze the perceptions of History teachers from a public elementary school in Ribeira do Pombal, Bahia, regarding the use of non-formal learning spaces in their teaching practice. A qualitative approach was adopted to capture the nuances and particularities of the educational experiences reported. The results revealed that teachers acknowledge the importance of pedagogical practices that go beyond the physical boundaries of the school, establishing intersections with non-formal educational environments. Such integration contributes to a more effective connection between knowledge and practice, promoting a more dynamic and meaningful learning process. Overall, the research demonstrates that the use of non-formal learning spaces represents a valuable pedagogical strategy capable of enhancing History teaching and fostering the formation of critical, participative, and socially aware citizens.

Keywords: Teaching. History. Pedagogical practices. Non-formal spaces.

Palavras-chaves: Ensino. História. Práticas Pedagógicas. Espaços não formais.

Introdução

Diante das mudanças promovidas pelo mundo globalizado nas sociedades contemporâneas, diversos temas suscitam debates frequentes, como a crise de determinados paradigmas, as rupturas e continuidades na História, e a busca por inovação nos processos de ensino e aprendizagem. Esse cenário de transformações aumenta o grau de competitividade e a demanda por informações e conhecimentos. A educação tem um papel fundamental na formação de valores pautados na humanização dos indivíduos, promovendo ações voltadas à coletividade, à justiça social e à solidariedade, aspectos essenciais para o desenvolvimento de uma nação.

Considerando essas demandas sociais, é necessário compreender as diversas facetas da educação, especialmente o ato de ensinar. Esse processo educacional pode ocorrer em várias circunstâncias, abrangendo tanto a educação formal quanto a não formal presentes no cotidiano dos indivíduos. Ambas envolvem questões relevantes, como modelos de aprendizagem, meios políticos, direitos dos cidadãos, capacitação para o mercado de trabalho conforme os recursos disponíveis, desenvolvimento de habilidades e potencialidades, solução de problemas coletivos e formação para a cidadania em comunidade.

Sobre essa discussão alguns autores salientam que, além da educação formal, outras modalidades da educação podem também fazer parte do processo de ensino e aprendizagem como possibilidades didáticas que visam a complementação da educação formal. Vale ressaltar que essas duas formas de educação, a formal e a não formal, não concorrem entre si, mas se interpenetram além dos muros da escola¹.

Conforme afirma Gohn² [...] a educação não formal tem campo próprio, tem intencionalidades, seu eixo deve ser formar para a cidadania e a emancipação social. Logo, a educação não formal representa as vivências que são adquiridas por meio do processo de compartilhamento de experiências entre os sujeitos, em especial nos espaços sociais.

No que se refere aos espaços não formais de aprendizagem, esses meios, por sua vez, as configuram como locais, instituições ou espaços caracterizados como produtores de

¹ CASCAIS, Maria das Graças Alves; TERÁN, Augusto Fachín. Educação formal, informal e não formal em ciências: contribuições dos diversos espaços educativos. In: *Encontro de Pesquisa Educacional Norte Nordeste*, n. 20, 2011, Manaus.

² GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social: atuação e desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 33.

atividades organizadas, sistemáticas, pedagógicas e que proporcionam práticas educativas realizadas fora dos marcos escolares institucionais³.

Neste sentido, em meio a esse ambiente não formal de aprendizagem, o ensino de História possibilita compreender a importância dos distintos espaços educativos, das trajetórias de vida dos grupos e dos seres humanos, mesmo fora das instituições educacionais. Essa compreensão do ambiente social, como meio onde também é caracterizado enquanto um espaço educativo, inclui as trajetórias de vida dos grupos e sujeitos por meio de processos interativos.

Assim, em virtude dos fatos indicados, ao pensar o ensino de História e as suas possíveis interações com os espaços não formais de ensino e aprendizagem, entende-se que esse estudo adquire um caráter multifacetado. Em seu turno, essa ideia tem vistas a proporcionar aos estudantes uma visão holística a respeito dos fatos históricos, estimulando a autonomia e a valorização dos vários sujeitos envolvidos nos processos de construção da História.

Ao analisar os estudos recentes sobre o ensino de História na contemporaneidade, em meio a um contexto marcado pelos avanços da tecnologia, é necessário destacar os desafios que os docentes enfrentam em sala de aula ao trabalhar com estudantes que residem em comunidades caracterizadas pela conectividade tecnológica, em que as informações chegam em grande velocidade. O maior desses desafios é a apatia que geralmente se manifesta durante as aulas.

No que se refere especificamente ao ensino de História nas escolas, o desinteresse dos estudantes frequentemente decorre do uso de modelos didáticos ultrapassados, com aulas monótonas e excessivamente conteudistas. Essas abordagens conferem ao ensino de História um caráter meramente mnemônico, focado na memorização de eventos, exaltação de grandes figuras históricas e datas específicas.

Diante desse cenário, a busca por uma compreensão mais aprofundada dessa realidade revela que o docente desempenha um importante como mediador do conhecimento. Conforme afirmado por Schimidt,

[...] ao professor incumbe a tarefa de guiar o estudante na identificação e na contextualização de questões, inserindo-as em um contexto mais amplo de outras problemáticas, de modo a transformar, em cada sessão de história, temas em desafios intelectuais⁴.

³ TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie. Educação formal e não formal: pontos e contrapontos. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). *Educação formal e não formal*. São Paulo: Summus, 2008.

⁴ SCHIMIDT, Maria. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 57.

Portanto, esse paradigma educacional sustenta-se em critérios que promovam a transformação dos indivíduos através da problematização dos eventos históricos, questionando e interligando diversos domínios de conhecimento, superando assim o modelo de ensino centrado apenas na reprodução e transmissão de conteúdo.

Visa-se, portanto, o aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem no campo da História e as possíveis intersecções entre a escola e espaços não formais de ensino. É necessário que esses elementos contribuam para um ensino que privilegie visões plurais e críticas nos educandos, abrindo caminhos para a construção da cidadania e emancipação social.

A importância da atualização das práticas pedagógicas e a necessidade de aprimorar a qualidade da relação entre ensino e aprendizagem, especialmente diante das mudanças no contexto tradicional com a inclusão de espaços não formais de aprendizagem, motivaram este estudo, cujo objetivo foi analisar a percepção dos professores de História de uma escola de Ensino Fundamental, nos anos finais, em Ribeira do Pombal, Bahia, Brasil, sobre o uso desses espaços na prática docente⁵.

Partindo desses pressupostos, esta pesquisa foi construída considerando diversos aspectos, incluindo a experiência e a percepção das fragilidades no ensino da História e a falta de motivação dos professores para buscar novas metodologias. Também foi levada em conta a necessidade de superar as aulas tradicionais de História, em que o professor é visto como detentor do conhecimento e os estudantes como receptores passivos, além da constatação da desconexão entre ensino e aprendizagem, baseada principalmente na memorização de fatos e datas em uma narrativa histórica geral, negligenciando as experiências individuais e as diversas histórias pessoais.

A relevância teórica e educacional para o desenvolvimento desta pesquisa reside na compreensão de que, além das estratégias utilizadas em sala de aula pelos docentes, existem outros espaços fora dos muros da escola. Nessas outras esferas, pode-se promover reflexões e aprimorar o ensino de História, o que contribui para a melhoria da qualidade do ensino, de forma a garantir a formação para a cidadania.

⁵ O presente artigo fundamenta-se na dissertação de mestrado de Claudiana Ribeiro Santos, intitulada Ensino de história e articulação entre espaços formais e não formais de aprendizagem em Ribeira do Pombal, Bahia, Brasil a dissertação aborda de maneira aprofundada as interações entre os espaços educativos formais e informais no município de Ribeira do Pombal, explorando suas contribuições para o ensino de História. Ao elaborar este artigo, foram utilizados trechos e análises já presentes na dissertação original. Contudo, vale ressaltar que, embora se trate de um aproveitamento de material previamente produzido pela autora, foi realizada uma reelaboração crítica e uma adaptação do conteúdo ao novo contexto e objetivos do artigo. Dessa forma, a questão do autoplágio foi rigorosamente considerada, buscando-se evitar qualquer repetição indevida de texto, e assegurando que o artigo atual ofereça uma nova contribuição acadêmica, distinta da dissertação original.

A problemática central deste estudo reside na necessidade de repensar o ensino de História diante das transformações impostas pela contemporaneidade e pelo avanço tecnológico, que têm gerado desinteresse e apatia entre os estudantes. O artigo busca compreender como os professores de História podem superar as limitações do ensino tradicional, centrado na memorização de fatos, por meio da incorporação de espaços não formais de aprendizagem. Essa perspectiva propõe uma prática pedagógica mais crítica, participativa e significativa, capaz de relacionar os conteúdos históricos às experiências cotidianas dos alunos, promovendo autonomia, cidadania e emancipação social.

O local da pesquisa foi o Colégio Municipal Evência Brito (CMEB), uma instituição que oferece do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, situada na Avenida Salustiano Guerra, número 245, no município de Ribeira do Pombal, Bahia, Brasil. O estudo adotou uma abordagem qualitativa, conduzindo entrevistas semiestruturadas com cinco professores de História dessa instituição, que ministram aulas para turmas dos anos finais do Ensino Fundamental.

Os dados coletados foram organizados por meio da Análise Textual Discursiva (ATD) e agrupados em uma categoria denominada Estratégias de ensino de História através de espaços não formais. Essa metodologia possibilitou uma compreensão aprofundada das práticas pedagógicas adotadas pelos docentes e suas percepções sobre o uso de ambientes não tradicionais no ensino de História.

Adicionalmente, destaca-se que, em conformidade com as normas éticas e regulamentações aplicáveis à pesquisa envolvendo seres humanos, foi obtida a aprovação dos participantes por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Este documento garantiu que a participação na pesquisa fosse voluntária e que os participantes compreendessem integralmente os objetivos, procedimentos e potenciais impactos do estudo. Embora este trabalho não tenha envolvido um comitê de ética formal, a adoção do TCLE foi uma medida ética essencial para proteger os direitos e a privacidade dos entrevistados, assegurando transparência e respeito ao voluntariado dos participantes.

A pesquisa revelou práticas pedagógicas inovadoras que transcendem os limites tradicionais da sala de aula, promovendo uma experiência educativa mais dinâmica e contextualizada. Os resultados sublinham a importância de espaços não formais de aprendizagem no ensino de História, contribuindo para uma educação mais rica e integrada às vivências dos estudantes.

A análise e os discursos

Nesta seção, são apresentadas as análises e contribuições teóricas do estudo, destacando trechos selecionados das entrevistas. Entre os diversos espaços dedicados à educação científica, a escola ainda se destaca como o principal ambiente que proporciona

aos estudantes acesso ao conhecimento sistematizado. Segundo Cortella⁶, educação e escola não são termos intercambiáveis; a escola é parte do processo educativo. Portanto, tudo que ultrapassa os limites do ambiente escolar formal é considerado um campo educacional a ser explorado, em parceria com a educação não formal, visando a construção de uma sociedade justa e equitativa.

Nesse sentido, a educação nos espaços não formais é caracterizada por atividades organizadas e sistemáticas que oferecem práticas educativas fora dos contextos escolares institucionais, conforme descrito por Gohn. Ainda, segundo a mesma autora, usualmente, a educação não formal é definida pelo que não é, entretanto, importante que passemos a defini-la pelo que ela é. Além disso, costuma-se contrapor as duas formas de educação, a formal e não formal, porém ambas podem ser vistas como complementares. Assim, em hipótese nenhuma ela substitui ou compete com a educação formal escolar⁷.

Para Gadotti⁸, a educação não formal é também uma atividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal. Acerca da compreensão sobre o que é a educação não formal, os sujeitos da pesquisa abordam que apesar de não terem participado de cursos de formação continuada sobre essa temática, entendem que a educação não formal se estende a ações educativas que são realizadas para além da sala de aula, conforme explicitado pelos relatos⁹ abaixo:

Eu já li textos sobre a educação não formal, principalmente quando direcionados para a questão dos terreiros. Como as mães de santo contribuíram para a formação educacional e a aprendizagem em todos os ângulos, também sobre as igrejas, clubes e associações¹⁰.

Eu entendo que a educação não formal é aquela que acontecesse fora da sala de aula. É aquela que acontece na vivência, é algo que não acontece nas quatro paredes de uma sala de aula. Por exemplo, eu acho que se eu levo um estudante meu para conhecer, voltando ao exemplo de Canudos, eu acho que não deixa de uma forma de educação não formal, porque saio da sala de aula, um segmento da educação formal, não sei se estou sendo correto¹¹.

A gente sempre vê que a sala de aula vai além dos muros, como Paulo Freire já dizia. A escola é muito mais do que as quatro paredes¹².

Destarte, a educação formal e não formal interpenetra-se constantemente, uma vez que as modalidades de educação não formal não podem prescindir da educação formal, e as

⁶ CORTELLA, Mário. A contribuição da Educação Não-formal para a construção da cidadania. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes et al. *Visões Singulares, conversas plurais*. São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2007. p.43-49.

⁷ GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social: atuação e desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010.

⁸ GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. *Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes sans solution? Institut International des droits de l'enfant*, Sion, oct. 2005. p. 1-11.

⁹ Foi utilizada a sigla P, inicial da palavra professor, seguida de um número em ordem decimal.

¹⁰ P1, 2021.

¹¹ P3, 2021.

¹² P4, 2021.

de educação formal não podem separar-se da não formal, uma vez que os educandos não são apenas estudantes, mas participantes das várias esferas da vida social¹³.

Trilla e Ghanem¹⁴ delinham que a educação formal e não formal constitui dois domínios de um espectro educacional fragmentado, contudo, ambos podem aspirar a um sistema educativo mais aberto e flexível, integrando o formal e o não formal em uma abordagem mais democrática. Segundo os autores, a educação não formal ocorre através de métodos e instituições que desafiam algumas das definições conceituais que caracterizam a escola. Portanto, as metodologias não formais referem-se a procedimentos que, com maior ou menor grau de inovação, divergem das formas canônicas ou convencionais da educação escolarizada.

A educação não formal compartilha objetivos próximos à educação formal, especialmente na formação integral do cidadão. Embora possuam características distintas, ambas estão intimamente ligadas ao cotidiano e à realidade social dos estudantes. De acordo com Rodrigues e Martins, os espaços não formais de ensino tem um aspecto cada vez mais relevante na educação, atuando como ambientes ideais para a integração de diversos tipos de conhecimento, que vão desde o cognitivo até o afetivo e sensorial, fundamentais na construção do saber¹⁵.

Os relatos coletados revelam que os ambientes extraescolares podem ser explorados como locais para o ensino de História, facilitando a conexão entre os conteúdos abordados em sala de aula e sua aplicação além dos limites físicos da escola, como destacado nos trechos a seguir:

Acredito que o aprendizado vai muito além das paredes das escolas e universidades. Estamos constantemente aprendendo em todos os espaços, e é essencial reconhecer essa aprendizagem como válida, não apenas o conhecimento científico transmitido dentro do ambiente escolar ou acadêmico, mas todos os saberes produzidos pelas pessoas em suas experiências¹⁶.

Para mim, História não se resume à acumulação de conteúdo. Não se trata de simples transmissão de informações, mas sim da construção do conhecimento, incorporando valores e explorando ambientes não escolares e não formais para enriquecer o ensino de História¹⁷.

*Sempre procuramos destacar aspectos relevantes da História local, estadual ou nacional para os estudantes, para que percebam que vai além do que está nos livros didáticos, além das salas de aula*¹⁸.

¹³ LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2008.

¹⁴ TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie. Educação formal e não formal: pontos e contrapontos. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). *Educação formal e não formal*. São Paulo: Summus, 2008.

¹⁵ RODRIGUES, Ana; MARTINS, Isabel P. Ambientes de ensino não formal de ciências: impacte nas práticas dos professores do 1º ciclo do ensino básico. *Ensenanza de las ciencias*. Número extra. VII congresso, 2005.

¹⁶ P1, 2021.

¹⁷ P3, 2021.

¹⁸ P4, 2021.

O aprendizado não se restringe a uma sala com cadeiras, mesas e quadro-negro... ele pode acontecer em diversos espaços. História não é apenas o que está nos livros, é necessário o contato com objetos, situações e conversas com pessoas que viveram esses eventos históricos¹⁹.

Conforme evidenciado nos depoimentos, os professores reconhecem os espaços não formais como recursos para desenvolver e integrar saberes além daqueles ensinados em sala de aula, permitindo a exploração da vivência e da realidade dos estudantes no processo educativo. Ultrapassar os limites da escola implica em aproximar o aprendizado da realidade, tornando significativa a conexão entre os conteúdos ensinados e a experiência cotidiana vivida. Assim, a História é compreendida como o estudo da experiência humana ao longo do tempo, investigando as experiências individuais e coletivas não apenas nos contextos escolares convencionais, mas também em espaços diversos e variados²⁰.

Neste viés, a utilização de estratégias diferenciadas no processo educativo é uma das questões basilares para dinamizar as aulas e despertar no estudante o interesse e a curiosidade, direcionando-o a uma aprendizagem com mais significados, permitindo ao estudante ressignificar os saberes obtidos em sua experiência individual.

De acordo com Reis, Ghedin, Silva²¹, a escola é o espaço mais propício para o desenvolvimento do conhecimento científico para os estudantes. Entretanto, essa instituição precisa de apoio e parcerias com outros ambientes que possam colaborar no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Nessa perspectiva, os espaços não formais representam um ponto colaborativo por meio do qual podem ser trabalhados os conteúdos em parceria com os espaços formais.

Segundo Gohn²², o ideal é que a educação não formal seja complementar, não no sentido de suprir as falhas da escola, mas sim no de desenvolver campos de aprendizagens e saberes que lhe são específicos. Seguindo essa mesma linha argumentativa, Trilla e Ghanem consideram que os espaços não formais de educação podem estabelecer uma relação de esforço e colaboração com os métodos pedagógicos formais, de modo a reforçar ambos, pois os

Recursos provindos de fora das instituições escolares são frequentemente utilizados por elas no contexto de suas atividades: programas dos meios de comunicação, atividades como museu e bibliotecas, fundações culturais põe à disposição das escolas: fazendas, instalações agrícolas, fábricas, oficinas,

¹⁹ P5, 2021.

²⁰ SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira; CAINELLI, Marlene Rosa. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

²¹ Reis, Terezinha, Ghedin, Evandro & Silva, Silvio José. O uso de espaços não formais de educação em estratégias didáticas com enfoque CTS. In IV *Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia* (SINECT). Ponta Grossa, PR, 2014. Disponível em <http://www.sinect.com.br/2014/down.php?id=3075&q=1>

²² GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social: atuação e desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010.

mineradoras áreas de preservação ambiental, parques nacionais, viagens para educação ambiental, empresas diversas entre outros²³.

Assim sendo, ao serem perguntados sobre a inserção dos espaços não formais em suas práticas pedagógicas, os professores discorreram que costumam realizar aulas fora do ambiente escolar, evidenciando a necessidade de se expandir o processo de ensino e aprendizagem através da realização de metodologias que permitam o estudante explorar e expor fora da escola suas ideias, conforme o que se observa nas falas a seguir

Costumo fazer visitas a locais históricos, museus, conversas com pessoas da comunidade, entrevistas, pesquisas in loco, também, eu acho que são algumas alternativas importantes para a gente inserir outros espaços de ensino e aprendizagem²⁴.

Dentro do possível eu procuro sempre realizar essas atividades[...] Eu tenho um projeto para levar todos os anos os nonos anos, para ver o cenário da guerra de Canudos tudo mais²⁵.

Eu já fiz algumas visitas em museus, em projetos, juntamente com outros colegas [...] colocar os estudantes no ônibus e levar para outra cidade para conhecer o lugar, por exemplo, Canudos²⁶.

Canudos, ao qual os entrevistadores se referem, é uma cidade no sertão nordestino, no interior da Bahia, local onde ocorreu o conflito armado de maior visibilidade nos momentos iniciais da República brasileira. O massacre aconteceu durante o período de um ano: 1896 a 1897. O massacre opôs a população de Canudos, liderada por Antônio Conselheiro, ao recém-criado governo da República. O surgimento de Canudos incomodou o governo da República e os grandes proprietários de terras da região por uma única razão principal: era uma nova forma de viver no sertão, esquecido pelo sistema de poder constituído²⁷.

Registada na obra de Euclides da Cunha, o município de Ribeira do Pombal, cuja denominação, de acordo com a época, aparece nas linhas supramencionadas, a região em que está situada Pombal faz parte do contexto do personagem mais emblemático da população de Canudos, Antônio Conselheiro:

O povo começava a grande série de milagres de que não cogitava talvez o infeliz. De 1877 a 1887 erra por aqueles sertões, em todos os sentidos, chegando mesmo até ao litoral, em Vila do Conde (1887). Em toda esta área não há, talvez, uma cidade ou povoado onde não tenha aparecido. Alagoinhas, Inhambupe, Bom Conselho, Jeremoabo, Cumbe, Mucambo, Maçacará, Pombal, Monte Santo, Tucano e outros viram-no chegar, acompanhado da farândola de fiéis. Em quase todas deixava um traço da

²³ TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie. Educação formal e não formal: pontos e contrapontos. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). *Educação formal e não formal*. São Paulo: Summus, 2008, p.143.

²⁴ P1, 2021.

²⁵ P3, 2021.

²⁶ P4, 2021.

²⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

passagem: aqui um cemitério arruinado, de muros reconstruídos; além uma igreja renovada; adiante uma capela que se erguia, elegante sempre²⁸.

Foi criado em 1986, pelo governo do estado da Bahia, através do decreto nº 33.333, o Parque Estadual de Canudos, com uma área de 1.321 hectares. Essa criação se deu pelo empenho da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com o objetivo de preservar a memória e a história da guerra de Canudos. O referido parque é administrado pela universidade citada, a qual implantou uma infraestrutura, com demarcação de sítios históricos e arqueológicos que permitem obter achados importantes, os quais compõem o acervo do Memorial Antônio Conselheiro. Este Memorial, também é mantido pela UNEB, e é constituído por um museu histórico e arqueológico, laboratório de arqueologia, exposição de fotografias, companhia de teatro, um pequeno teatro e biblioteca.

Existem professores que destacaram não ser possível realizar aulas utilizando espaços não formais de ensino devido às dificuldades existentes na escola, como por exemplo, a quantidade de estudantes matriculados por sala de aula, a necessidade de trabalhar mais na própria escola, visando melhorar a leitura e escrita dos estudantes, a faixa etária, e a falta de recursos para a locomoção até os locais históricos, conforme se percebe nos depoimentos abaixo:

A dinâmica da aprendizagem é tão grande, porque a gente tem que estar nos desafios de leitura e escrita com os estudantes, porque não é aquela realidade que os meninos já estão prontos para estar naquela série que eles estão, no sentido de leitura escrita e produção. [...] o sexto e sétimo anos geralmente as dinâmicas são feitas mesmo na escola, uma vez ou outra, quando tem alguma coisa aqui em Pombal, na Câmara de Vereadores, a gente leva os estudantes²⁹.

Eu já fiz alguns projetos em parceria com os professores. Mas você sabe que é complicado, né? Não libera verba, aí dificulta então, para tirar do nosso salário para fazer essas ações³⁰.

A educação histórica dos sujeitos não acontece apenas na escola, mas em diversos lugares³¹. Isso requer de nós uma relação viva e ativa com o tempo e o espaço do mundo no qual vivemos, por menor que ele seja, pois, o meio em qual vivemos traz as marcas do presente e do tempo passado. A História é a ciência dos homens no tempo, dessa forma, tudo o que envolve o ser humano no tempo é objeto dessa matéria³².

²⁸ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante), p. 97. Disponível em: www.culturatura.com.br/obras/Os%20Sertoes.pdf Acesso em: 31 mar. 2021.

²⁹ P2, 2021.

³⁰ P5, 2021.

³¹ FONSECA, Selva Guimarães. A formação de professores de história no Brasil: perspectivas desafiadoras de nosso tempo. In: ZAMBONI, Ernesta; FONSECA, Selva Guimarães (Orgs.). *Espaço de formação do professor de história*. Campinas: Papirus, 2007. p. 101-130.

³² BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 7.

Dessa forma, o cotidiano dos estudantes pode representar valiosas possibilidades de investigação histórica e assim proporcionar uma aula rica e prazerosa onde todos os sujeitos envolvidos se sintam pertencentes no processo de construção da história. Sobre esse tema, Pinsky³³ argumenta que a História é construída a partir de uma variedade de fontes, que podem ser exploradas durante aulas realizadas fora do ambiente tradicional da sala de aula. Essas fontes incluem vestígios materiais, estruturas, patrimônio material e imaterial, além de memórias transmitidas pela história oral, entre outros recursos. Dessa forma, há uma ampla gama de fontes disponíveis para análise tanto por historiadores quanto por professores.

Nessa mesma linha de pensamento, Gohn destaca que a produção de conhecimento em espaços não formais oferece aos indivíduos a oportunidade de compreender o mundo ao seu redor, por meio do acesso a recursos culturais, como museus, bibliotecas e palestras.

Ainda, de acordo com a autora citada, é necessário desenvolver uma nova cultura escolar que forneça aos estudantes instrumentos para que saibam interpretar o mundo, um saber interpretativo tão importante quanto o saber científico. Nas ciências humanas esse saber se refere às condutas intencionais, decifrando as linguagens sociais existentes³⁴.

Acerca das dificuldades apontadas pelos professores para realizar aulas nos espaços não formais, como a falta de tempo, devido à demanda das atividades voltadas à alfabetização em leitura e escrita, dos estudantes que chegam ao sexto ano com essa carência, além da falta de recursos para custear o transporte. Esse contexto pode ser melhor entendido nas afirmações de Praxedes³⁵ (2009) ao afirmar que existem dificuldades pedagógicas e financeiras que englobam obstáculos como a falta da realização de trabalhos interdisciplinares entre as disciplinas, a não inclusão de atividades fora do ambiente escolar no currículo, e a falta de condições financeiras dos estudantes e a escola não possuir recursos para custear o transporte e alimentação dos educandos.

Gallo³⁶ argumenta que a interdisciplinaridade surge como uma resposta à fragmentação histórica do conhecimento, que desarticula o saber e resulta em uma educação desconectada da realidade da vida. Ele critica a compartimentalização do saber e o exercício

³³ PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

³⁴ GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e cultura política*. Impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social: atuação e desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010.

³⁵ PRAXEDES, Gutemberg de Castro. *A utilização de espaços de educação não formal por professores de biologia de Natal-RN*. 2009. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

³⁶ GALLO, Silvio; KOHAN, Walter (Org.). *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis: Vozes, 2000.

do poder na escola, que são reforçados por um poder burocrático que impõe programas e materiais didáticos que limitam a autonomia dos professores. Segundo o autor, essa fragmentação faz com que o ensino deixe de refletir a complexidade da vida, apresentando um cenário irreal onde os diferentes saberes não se comunicam entre si.

Para superar essa contradição histórica entre o saber e a realidade, segundo o autor supra referido, os professores podem ter uma participação muito importante, de acordo com as suas possibilidades, ir quebrando a compartimentalização da qual é vítima o sistema educacional, tentando fazer de nossos currículos novos mapas, vislumbrar novos territórios de integração dos saberes, através da interdisciplinaridade³⁷.

Corroborando ao pensamento do autor citado anteriormente, Libâneo³⁸ discorre que escola e o ensino estão centrados no conhecimento e desenvolvimento cognitivo dos estudantes e, ao mesmo tempo, busca a ampliação dos elementos constitutivos do seu objeto de formação integral dos estudantes através de novos procedimentos investigativos e da interdisciplinaridade.

De acordo com Freire³⁹, ensinar não se esgota no tratamento do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. Para que isso aconteça é necessária a presença de educadores e educandos criadores, instigadores, inquietos, curiosos, humildes e persistentes.

De acordo com as entrevistas, a dificuldade para realizar aulas em espaços não formais é, além da falta de cursos, a forma como essa modalidade educacional se configura enquanto práxis:

[...] a gente sente muita falta desses cursos, dessa visão maior, de como contextualizar⁴⁰.

[...] acho muito importante, mas, infelizmente a gente não tem muito isso perto. Até as bibliotecas públicas a gente ve que o acervo é muito fraco⁴¹.

O pesquisador pode ampliar sua compreensão não apenas por meio de métodos formais, mas também ao considerar os conhecimentos dos povos tradicionais presentes na região. Por exemplo, sabe-se que os indígenas da etnia Quiriri integravam a extensa região controlada pelos D'Ávila da Casa da Torre no século XVII. Inicialmente, esses proprietários resistiram às missões religiosas em suas terras, considerando-se prejudicados em seus direitos. No entanto, em 1675, Francisco Dias D'Ávila passou a apoiar as missões dos Quiriri,

³⁷ GALLO, Sílvio. Filosofia da Educação no Brasil do século XX: da crítica ao conceito. *EccoS Revista Científica*, v. 9, n. 2, julho-dezembro, 2007, pp. 261-284

³⁸ LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2008.

³⁹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

⁴⁰ P2, 2021.

⁴¹ P4, 2021.

o que contribuiu para o desenvolvimento da região. Como resultado, o município hoje conhecido como Ribeira do Pombal teve sua origem em uma comunidade indígena da etnia Quiriri, cuja catequização teve início em 1667, quando os padres jesuítas João de Barros e Jacob Roland estabeleceram uma capela dedicada a Santa Teresa de Jesus⁴².

Em se tratando de espaços não formais de aprendizagem, ao se afirmar a utilização da perspicácia pelo pesquisador, isso significa antes que se trata do emprego da astúcia pelo docente de História em função do trabalho educacional desenvolvido em sua classe. Ao conduzir pesquisas em meio aos povos tradicionais, o professor promove uma abordagem de estudos que envolve o método pedagógico e sua inerente sistematização dos objetivos, mas na relação dialética espontânea das aprendizagens entre a cultura de povos tradicionais e suas próprias impressões. Conhecimentos que, pelo caráter diverso, dialogam prontamente com a interdisciplinaridade. Nas palavras de dona Mariana concedida a Sebastian Gerlic a seguir, há a descrição e a narrativa acerca da realidade, através de detalhes sobre os conhecimentos acerca da flora da região em que vivem os povos Quiriri:

Em época de seca, tomava água de gravatá. Cortava a raiz do gravatá com o facão e despejava a água em uma cabacinha e bebia. Tem também um pau que chama canudinho, para os meninos beber direto da planta. A raiz do umbuzeiro, meu pai nos dava p'ra chupar e também dava p'ra fazer a cocada dela. Quando já tinha uma rocinha, arrancava uns pés de *manipeba* (mandioca). Mãe ralava e botava em um saco e ficava torcendo p'ra fazer o suco e a gente tomava. Na volta da roça, pai botava tudo em um bogozão (bogó [no aumentativo] = bolsa), carregava, assim, na testa, e nós das costas. Mãe com um cesto para levar as panelas, os pratos, cabacinha p'ra água, um potinho, um balde p'ra usar na roça. Tem que alguma coisa, *p'ra modi matar a fome e a sede*, enquanto descansa do trabalho na roça⁴³.

Através do excerto supramencionado, o discente aprende além da simbiose entre os humanos e a flora e a fauna daquela região. O elemento mais importante adquirido nesse momento se trata das relações humanas. Através dessa aproximação com esses povos, o discente pode superar a própria visão de civilização como única alternativa de a humanidade se estabelecer no mundo. Nesse sentido, pode-se extrair, dessa educação não formal, o pensamento crítico sobre as relações do homem e seu meio ambiente, sobre a identidade construída no decorrer da história dos indígenas, sobre a preservação da natureza, sobre a manutenção e a preservação da cultura desses povos por meio do seu próprio protagonismo.

Quiriri (ou Kiriri) é uma expressão tupi que significa aldeia calada ou silenciosa. Essa denominação teria sido atribuída pelos índios Tupis de regiões costeiras aos indígenas habitantes do sertão. A comunidade Quiriri inspira atualmente outros povos indígenas como

⁴² MOÇÃO Nº 20.961/2017. Moção de Aplausos e Congratulações a toda população e as autoridades do município de Ribeira do Pombal pela passagem da sua Data Magna. Disponível em: <https://www.camararibeiradopombal.ba.gov.br/site/mocao>. Acesso em: 30 mar. 2020.

⁴³ GERLIC, Sebastian. *Índio na visão de índio Quiriri*. Salvador: Thidêwá, 2003.

um exemplo de embates que sempre ocorreram na região Nordeste do país. Durante quinze anos, os Quiriri se organizaram politicamente e, no final da década de 1990, promoveram a expulsão de aproximadamente 1.200 não-índios incidentes de propriedades indígenas Quiriri, homologadas desde 1990⁴⁴.

Na própria comunidade dos Quiriri, recentemente, essa ideia ficou evidente. Segundo o Blog Povos Indígenas,

Com investimentos e programas de capacitação, os indígenas aprenderam e implementaram técnicas que lhes permitiram ampliar a produção de culturas tradicionais. Também obtiveram mais recursos para processar e vender as safras⁴⁵.

Segundo a Lei Orgânica de 24 de dezembro de 2018, em 1667, através da catequização no Brasil os jesuítas edificaram nas terras dos povos Quiriri, sob a invocação de Santa Tereza a trinta quilômetros do Rio Itapicuru, com os padres João de Barros e Jacob Roland, uma capela, região na qual dispersou, ao passar do tempo, uma aldeia denominada naquele momento de Canabrava De Santa Tereza de Jesus dos Quiriri. O lugar era percurso de caravanas que iam em direção ao Rio São Francisco, principalmente os vaqueiros, homens que cuidavam da criação de gado da família Garcia D'Ávila. Essa família era proprietária de 260 léguas de terras acima do Rio São Francisco. Outro proprietário de latifúndio dessa região era Antônio Guedes de Britto que possuía 160 léguas de terras no sertão baiano. Este acontecimento motivou o desenvolvimento da aldeia, a qual, por decisão registrada na Carta Régia datada de 08 de maio de 1758 foi promovida à categoria de vila.

Em relação à capela erguida pelos jesuítas como parte do processo de catequização dos povos indígenas, é importante destacar que essa estrutura ainda se mantém de pé nos dias atuais, representando uma construção centenária e um componente fundamental do patrimônio histórico e cultural do município. É evidente que o cotidiano da cidade oferece oportunidades para explorar em aulas de História as representações construídas a partir desse patrimônio histórico e cultural local. Em resumo, é necessário enfatizar a importância da valorização e preservação desses bens históricos e culturais, o que demanda investimentos e incentivos por parte dos órgãos governamentais, especialmente na área da educação, através de ações que possibilitem tanto aos responsáveis pela conservação desses bens quanto à sociedade em geral a participação ativa nesse processo, fomentando diálogos e trocas de conhecimentos. Ao explorar os monumentos, é possível promover uma nova compreensão dos espaços públicos ao destacar seus significados históricos e os papéis

⁴⁴ POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, Kiriri, 2019. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/> Acesso em: 31. Mar. 2021

⁴⁵ Povos Indígenas no Brasil. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://www.povosindigenas.blog.br/v1/2017/08/>. Acesso em: 21 ago. 2022.

desempenhados pelos indivíduos na sua construção. Essas ações estabelecem uma conexão entre o que é ensinado na escola e os conhecimentos que permeiam o ambiente em que os estudantes vivem atualmente⁴⁶.

Ao discutir sobre o patrimônio cultural, é relevante destacar o pensamento de Soares⁴⁷, que define o patrimônio não apenas como monumentos, casas antigas ou edifícios, mas como uma concepção muito mais ampla que abrange todas as manifestações socialmente compartilhadas. Todo objeto ou prática que remete à identidade de uma sociedade constitui seu patrimônio, conforme reforçado pela definição constitucional presente no artigo 216º da Constituição Brasileira de 1988. Essa perspectiva é observada nas iniciativas educativas realizadas em espaços não formais de aprendizagem no município.

Um exemplo dessas atividades são os eventos de dança que constituem uma parte significativa da formação dos jovens em Ribeira do Pombal. A Secretaria Municipal de Cultura promove eventos onde equipes de jovens apresentam uma variedade de estilos de danças populares, clássicas e urbanas. Segundo informações disponíveis no site da Prefeitura de Ribeira do Pombal⁴⁸, essas danças representam a riqueza e diversidade cultural da sociedade local, envolvendo competições com cidades vizinhas.

A história de uma entidade cultural emblemática em Ribeira do Pombal, como a Filarmônica XV de Outubro, reflete o panorama histórico da cidade. Segundo Góis⁴⁹, um grupo de militares de Sergipe estabeleceu-se na cidade em 1887, trazendo consigo uma forte tradição musical que resultou na fundação do primeiro conjunto de sopro do povoado. A estreia oficial da Filarmônica ocorreu em 15 de outubro daquele ano, uma data escolhida em homenagem à padroeira local, Santa Tereza. Em 1947, a administração municipal assumiu a responsabilidade pela manutenção da Filarmônica, que nas décadas de 1970 alcançou seu auge e se tornou popular nas cidades circunvizinhas, participando de concursos estaduais e obtendo reconhecimento.

A Filarmônica XV de Outubro continua a desempenhar um papel na vida cultural de Ribeira do Pombal, sendo destacada por eventos marcantes como a recepção à caravana de Luiz Carlos Prestes em 26 de julho de 1926. Desde 2005, a Filarmônica passou por um

⁴⁶ SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira; CAINELLI, Marlene Rosa. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

⁴⁷ SOARES, André Luís Ramos (Org.). *Educação patrimonial: relatos e experiências*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2003.

⁴⁸ PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRA DO POMBAL. Segundo Festival de Dança de Ribeira do Pombal. Disponível em: <https://ribeiradopombal.ba.gov.br/2019/04/29/segundo-festival-de-danca-de-ribeira-do-pombal/> Acesso em: 30 mar. 2021

⁴⁹ GÓIS, Osvaldo Rocha. Filarmônica XV de Outubro. 2017 Disponível em: <http://ba.mapas.cultura.gov.br/agente/14064/#/tab=permissao> Acesso em: 30 mar. 2021

processo de revitalização, apoiado por investimentos da administração municipal, o que permitiu aos músicos tradicionais reconquistar seu público e consolidar sua trajetória⁵⁰.

Além disso, o Movimento Sem Terra (MST) assume um papel significativo na educação não formal em Ribeira do Pombal. Originado da luta pela reforma agrária em busca de justiça social, o MST estabeleceu um assentamento na Fazenda Diamante, localizada entre Ribeira do Pombal e a cidade vizinha de Tucano.

Esses exemplos ilustram como diferentes manifestações culturais e sociais em Ribeira do Pombal, seja através da dança, da música ou dos movimentos sociais como o MST, contribuem para a preservação e a valorização do patrimônio local, promovendo uma educação que vai além dos espaços tradicionais de ensino e aprendizagem. Assim, faz-se necessária um ensino de qualidade para a população que reside nesses assentamentos, sendo que a

relação movimento social e educação existe a partir das ações práticas de movimentos e grupos sociais. Ocorre de duas formas: na interação dos movimentos em contato com instituições educacionais, e no interior do próprio movimento social, dado o caráter educativo de suas ações. No meio acadêmico, especialmente nos fóruns de pesquisa e na produção teórico-metodológica existente, o estudo dessa relação é relativamente recente. A junção dos dois termos tem se constituído em novidade em algumas áreas, como na própria Educação – causando reações de júbilo pelo reconhecimento em alguns, ou espanto e estranhamento – nas visões ainda conservadoras de outros. No exterior, a articulação dos movimentos com a educação é antiga e constitutiva de alguns grupos de pesquisa, como na International Sociological Association (ISA), Latin American Studies Association (LASA), Asociación Latinoamericana de Sociología (ALAS) etc⁵¹.

As quarenta e quatro famílias estabelecidas na Fazenda Diamante mesmo sem qualquer colaboração financeira para quitação de despesas, ainda assim, exercem a função social da propriedade, dado que cultivam a terra com suas próprias forças e colhem o que é produzido, podendo vendê-los, por conseguinte. Isso tem corroborado para que a economia dessa população tenha se desenvolvido⁵².

A história da formação das comunidades em Ribeira do Pombal é marcada pela dinâmica da população local. Segundo Souza e Oliveira⁵³, o povoado Barroco, estabelecido

⁵⁰ GÓIS, Osvaldo Rocha. Filarmônica XV de Outubro. 2017 Disponível em: <http://ba.mapas.cultura.gov.br/agente/14064/#/tab=permissao> Acesso em: 30 mar. 2021

⁵¹ GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e cultura política*. Impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 334.

⁵² OLIVEIRA, Islã Santos. MST: movimento dos trabalhadores sem-terra, a luta pela função social da propriedade e o direito à educação, 2015. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/54626/mst-movimento-dos-trabalhadores-sem-terra-a-luta-pela-funcao-social-da-propriedade-e-o-direito-a-educacao> Acesso em: 30 mar. 2021

⁵³ SOUZA Everton; OLIVEIRA, Maria Tereza. *Ribeira do Pombal: sua história*. Disponível em: <http://rdopombal.blogspot.com/2009/07/> Acesso em: 30 mar. 2021.

por volta da década de 1940, teve um papel importante no desenvolvimento da região, especialmente por meio do comércio. A pedra branca, um marco distintivo na comunidade, atrai a atenção dos turistas. A Pedra Branca, localizada na comunidade de Barroco, em Ribeira do Pombal, constitui um importante marco natural e simbólico para os moradores locais. Trata-se de uma formação rochosa de coloração clara, facilmente distinguível na paisagem, que ao longo do tempo se tornou ponto de referência geográfica e elemento de identidade coletiva. Além de atrair a atenção de visitantes e turistas, a Pedra Branca representa para a comunidade um espaço de memória e pertencimento, associando-se à história da formação do povoado e à dinâmica social e cultural da região. Sua presença reforça a relação entre território, paisagem e cultura, evidenciando como elementos naturais podem adquirir significados sociais e educativos no contexto das práticas comunitárias e das ações de valorização do patrimônio local.

O grupo possui, segundo o blog Flor de Zabumba⁵⁴, uma variedade de trajes, em que são ressaltadas cores e o brilho como estratégia de atrair a atenção dos espectadores do evento. Os ritmos distintos das músicas garantem o sincronismo das diversas performances apresentadas pela equipe. O evento decorre de uma homenagem que se relaciona com o cristianismo, na qual há a malhação de Judas, tradição introduzida pelos europeus e ainda recorrente em várias regiões do país. Esse movimento artístico é formado por uma equipe de jovens, capaz de reunir diversas pessoas, visto a natureza democrática e inclusiva da exposição que persiste, mesmo após quarenta anos de sua existência. No início da noite, é pronunciada a leitura de um manifesto satírico, em que é atestada enquanto herança cultural.

Eventos como esse podem ser abordados de forma contínua, visando explorar sua história e sua relação com a identidade da população. À medida que se aprofunda a pesquisa sobre as características culturais da cidade, o cenário histórico se torna mais claro, como ilustrado no relato a seguir:

Projeto de Niemayer - Com projeto inicial solicitado pelo então ministro Oliveira Brito ao arquiteto e seu contemporâneo Oscar Niemayer, a Nova Matriz de Santa Teresa teve sua construção iniciada no começo dos anos de 1960. A ideia de construir uma nova igreja vinha desde os anos 1940 e causava muita polêmica, já que inicialmente cogitava-se demolir a Igreja Velha, marco inicial da cidade. Só em 1961, quando Oliveira Brito assume o Ministério da Educação e Cultura, são iniciadas as obras da igreja. Com os recursos federais levantam os complexos alicerces e a fachada com a imensa

⁵⁴ Esse blog Flor de Zabumba, "A cena pombalense" (2008) dedica-se à divulgação cultural e popular do município de Ribeira do Pombal, especialmente sua tradição de mascarados e manifestações da cultura afro-baiana. A postagem "Os mascarados: Barroco, corra que eles vêm..." aborda uma das expressões festivas da comunidade, discutindo a simbologia dos caretas e seu papel no patrimônio imaterial local. Disponível em: <http://flordezabumba.blogspot.com/2008/04/os-mascarados-barroco-corra-que-eles-vo.html>. Acesso em: 31 mar. 2021.

cruz idealizada por Niemayer. Com o Golpe Militar de 1964, Oliveira é cassado e as obras da matriz são interrompidas, sendo apenas retomadas em 1968 com a chegada do Padre Emílio Ferreira Sobrinho. A partir de 1968, mesmo com o a ausência da classe política e apesar da dificuldade imposta pela ditadura, começa uma campanha da Paróquia junto à sociedade para arrecadação de fundos e retomada do projeto. São realizadas diversas festas populares, inclusive a primeira micareta da cidade, e toda a renda arrecadada era conduzida para a conclusão da igreja. Com o tempo a campanha acabou conseguindo envolver todos os seguimentos da sociedade, inclusive o político já que se tratava de um grandioso e complexo trabalho. Em 1971, é celebrada a primeira missa na Nova Matriz de Santa Tereza⁵⁵.

Para comemorar os 80 anos de emancipação política de Ribeira do Pombal, o município realiza a *Cultureira*, um evento que celebra a cultura local. Durante três dias, a festa oferece uma variedade de atrações, incluindo quadrilhas juninas, apresentações esportivas como judô, e a Filarmônica XV de Outubro. Além disso, o evento conta com exposições de pinturas e artesanato, comidas típicas, e um espaço de leitura, organizado pela biblioteca pública municipal⁵⁶.

Neste sentido, Cazelli⁵⁷ discorre que os espaços não formais de ensino e aprendizagem oferecem a oportunidade para experimentações e permitem a abordagem dos conteúdos escolares com mais leveza, fazendo com que os professores sejam incentivados a visitá-los. Seguindo essa mesma linha argumentativa, Silva et al.⁵⁸ salientam que a utilização dos espaços não formais de ensino e aprendizagem, como estratégia educacional, possibilita integrar diversas disciplinas escolares num contexto diferente da escola, sobretudo, porque possibilita que se estabeleça um diálogo mais próximo com a realidade dos estudantes, de forma que diminua a distância entre o saber científico e a vida das pessoas.

Os sujeitos entrevistados enfatizaram que ao utilizar espaços não formais como estratégia de ensino, percebem que os estudantes reagem de forma positiva, uma vez que essas ações despertam o interesse em participar ativamente da aula, rompendo com a ideia de aula tradicional ou decoreba, corroborando a ideia de que a História é viva e não está presa nos livros didáticos e explicações dos professores, e assim o tempo presente pode se tornar um laboratório de estudo para a aprendizagem da disciplina, conforme as narrativas entende-se que,

⁵⁵ CONFERÊNCIA ESTADUAL DA BAHIA. Caminhos das Conferências: Ribeira do Pombal. 2011. Disponível em: <https://conferenciadecultura.wordpress.com/2011/09/30/caminhos-das-conferencias-ribeira-do-pombal/> Acesso em: 31 mar. 2021

⁵⁶ BLOG DO GOMES, Cultureira: Show de arte pombalense! Disponível em: <https://blogdogomes.com.br/2013/09/cultureira-show-de-arte-pombalense/> Acesso em: 31 mar. 2021

⁵⁷ CAZELLI, Sibebe. *Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?* 2005. [s.f.]. Tese (doutorado). Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

⁵⁸ SILVA, Viviane Aparecida. *A relação entre a Educação Ambiental Formal: um estudo de caso do Parque Natural Municipal de Taquara e as escolas do entorno.* 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.

Os estudantes ficam empolgadíssimos né? Saindo do espaço delimitado da sala de aula já é um atrativo a mais para eles se interessarem, se dedicarem mais, percebo que a aprendizagem se torna muito mais prazerosa para eles, muito mais significativa⁵⁹.

Ah, eles reagem de uma forma boa. Primeiro vem o impacto da curiosidade, ver onde foi aquilo ali! E aí desperta a curiosidade em saber como era que viviam as pessoas daquela época, como eram os coronéis, como as pessoas lutavam [...] a curiosidade mesmo, e a alegria de sair da sala de aula, não só pela questão de sair daquele espaço físico da sala de aula, mas em ter uma aula diferente. Quando é viagem, eles já se empolgam no trajeto... então é muito proveitoso⁶⁰.

Eles gostavam bastante! É aquela coisa ...na sala de aula os estudantes costumam nos dá trabalho. Quando eles saem do espaço, eles não dão, porque eu acho que eles se sentem presos. Eles participam. Eles gostam. Eles abraçam sim, a causa com gosto⁶¹.

Os trechos acima corroboram a argumentação de Schmidt e Cainelli⁶² ao afirmar que ensinar história não pode prescindir de pensar o mundo além da sala de aula. É necessário abrir os ambientes de aprendizagem histórica a outros espaços, levando os estudantes a refletirem sobre seu cotidiano e entenderem como esses fatos interferiram também na vida de outras pessoas no passado. Nesse viés, o professor tem a função de problematizar os conteúdos, despertar e instigar no estudante o interesse a pensar como sujeito histórico com a utilização de novas técnicas e recursos, de modo que as aulas não fiquem monótonas e repetitivas.

A utilização dos espaços não formais é uma possibilidade para dinamizar a rotina da sala de aula, colocando o estudante mais próximo do seu universo cultural e proporcionar uma aprendizagem mais efetiva, haja vista que, quando se relaciona o conteúdo visto na aula com elementos da própria rotina do estudante, perceber-se-á que a história está mais próxima do que eles imaginavam⁶³. Dessa forma, a História deixa de ser distante, enfadonha, pois quanto mais o estudante se sente perto dela, mais terá vontade de interagir⁶⁴.

O ensino pode valorizar as experiências que ocorrem nas atividades em espaços externos à sala de aula. No mesmo sentido, a BNCC destaca que o ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental deve se pautar em determinados aspectos, tais como:

Desenvolvimento das condições necessárias para que os estudantes selecionem, compreendam e reflitam sobre os significados da produção, circulação e utilização de documentos (materiais e imateriais) elaborando

⁵⁹ P1, 2021.

⁶⁰ P3, 2021.

⁶¹ P4, 2021.

⁶² SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira; CAINELLI, Marlene Rosa. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

⁶³ MICELI, Paulo. Uma Pedagogia da História? In: PINSKY, Jaime (org.). *O ensino de História e a criação do fato*. 14 ed., 1ª Reimpressão, São Paulo: Contexto, 2012.

⁶⁴ PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

críticas sobre formas já consolidadas de registro e memória, por meio de variadas linguagens⁶⁵.

Conforme discutido por Bittencourt⁶⁶, os professores devem adotar métodos metodológicos que explorem qualquer espaço, conduzindo os estudantes a perceber que a história é dinâmica e está enraizada em diversas fontes, como edificações, vias públicas, ferramentas de trabalho e relatos da memória oral de indivíduos comuns. Além disso, a autora ressalta a possibilidade de produção de documentos adicionais durante essas atividades, como registros de entrevistas, fotografias, desenhos ou ilustrações de aspectos notáveis, entre outros. Para tanto, é imprescindível que o professor execute um planejamento cuidadoso e defina etapas fundamentais para a condução das atividades: preparação prévia, realização das atividades em espaços externos e reflexão sobre o trabalho realizado em sala de aula.

A percepção dos entrevistados sobre a resposta dos estudantes ao participarem de aulas em espaços não formais de ensino e aprendizagem reforça a concepção de Karnal⁶⁷ de que tanto a História quanto a prática pedagógica são sujeitas a mudanças contínuas. Essa transformação decorre da evolução constante dos agentes envolvidos na ação educativa, como professores, estudantes, comunidade e administração escolar. A renovação do ensino da história surge como uma preocupação constante. Ao considerar a introdução de novas práticas pedagógicas, é importante que o professor reflita sobre a eficácia dessas técnicas, já que a simples adoção de recursos modernos não necessariamente garante o sucesso no processo de construção do conhecimento.

Além disso, a colaboração entre a escola e os espaços não formais pode ter um papel significativo no aprimoramento e diversificação das estratégias de ensino da disciplina de história. Esses espaços podem ser encarados como complementares à educação formal, contribuindo de maneira mútua para enriquecer a aprendizagem em diferentes contextos.

Considerações finais

Este estudo, baseado na análise das entrevistas realizadas com cinco professores de História do Colégio Municipal Evência Brito (CMEB) em Ribeira do Pombal, Bahia, investigou as percepções desses educadores sobre o ensino da História e o uso de espaços não formais como estratégia pedagógica. Os professores concordaram de maneira unânime

⁶⁵ BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/CNE, 2017.

⁶⁶ BITTENCOURT, Circe Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

⁶⁷ KARNAL, Leandro. Apresentação. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

que o ensino da História é emancipatório, tendo um papel fundamental na formação intelectual dos estudantes, no exercício da cidadania e na promoção de valores. Eles enfatizaram a importância de abordar os conteúdos históricos de maneira problematizadora e contextualizada, para que os estudantes se sintam integrados ao processo de construção do conhecimento histórico. O objetivo é desenvolver uma postura crítica e autônoma na sociedade entre os estudantes.

Quanto ao uso de espaços não formais de ensino e aprendizagem como estratégia para as aulas de História, os entrevistados destacaram que o conhecimento histórico transcende os limites da sala de aula tradicional. Eles sublinharam a importância de um ensino que vá além dos recursos didáticos convencionais, como o livro didático, reconhecendo que os espaços não formais oferecem oportunidades para ampliar e conectar os conhecimentos adquiridos em sala de aula.

Esses aspectos sublinham a relevância das estratégias de ensino da História através de espaços não formais. Os professores frequentemente conduzem aulas nesses ambientes, o que enriquece o processo educacional ao incentivar os estudantes a explorar e compartilhar suas ideias fora do ambiente escolar. Portanto, segundo os entrevistados, é essencial estabelecer uma integração eficaz entre as práticas desenvolvidas em sala de aula e os espaços não formais de ensino e aprendizagem. Essa integração facilita a conexão entre diferentes áreas de conhecimento, valoriza as experiências e perspectivas dos estudantes, e contribui para o contínuo aprimoramento do ensino da História, promovendo aprendizagens mais profundas e significativas.

Recebido em 26 de agosto de 2024
Aceito em 10 de novembro de 2025